

## A FORMAÇÃO NA ERA DIGITAL E O USO DA INTERNET ENTRE OS FORMANDOS

Vagner Sanagiotto\*  
Euder Daniane Canuto Monteiro\*\*  
Marcos Tiago da Silva\*\*\*

**Resumo:** O uso da Internet cada vez mais é parte integrante do cotidiano da atual sociedade. Tal realidade é também observada dentro dos diversos contextos eclesiais. Da mesma forma que avança o conceito de “sociedade conectada”, surgem os diversos problemas relacionados ao uso abusivo da Internet. Porém, não tarefa fácil definir o uso problemático (patológico) da Internet, visto que, tudo se tornou “normal”. A presente pesquisa, estudou uma amostra de 125 seminaristas, das diversas fases do percurso formativo. Foram propostos três objetivos orientativos para aprofundar a temática do uso da Internet nos contextos da formação ao presbiterato: a) descrever as principais características sociodemográficas dos participantes da pesquisa e as prováveis correlações com o uso dependente da Internet; b) avaliar a correlação entre o uso dependente da Internet, o suporte social e as características de personalidade; c) analisar quais são as variáveis que podem explicar o uso dependente da Internet.

**Palavras-chave:** Internet, seminaristas, contextos formativos, digital.

**Résumé:** L'utilisation d'Internet fait de plus en plus partie intégrante de la vie quotidienne de la société d'aujourd'hui. Cette réalité s'observe également dans les différents contextes ecclésiaux. De la même manière que le concept de “société connectée” progresse, les différents problèmes liés à l'utilisation abusive d'Internet se posent. Cependant, il n'est pas aisé de définir l'usage problématique (pathologique) d'Internet, puisque tout est devenu “normal”. La présente recherche a étudié un échantillon de 125 séminaristes, issus des différentes étapes du parcours formatif. Trois objectifs directeurs ont été proposés pour approfondir le thème de l'utilisation d'Internet dans les contextes de formation au sacerdoce: a) décrire les principales caractéristiques sociodémographiques des participants à la recherche et les corrélations probables avec l'utilisation abusive d'Internet ; b) évaluer la corrélation entre l'utilisation abusive d'Internet, le soutien social et les caractéristiques de la personnalité ; c) analyser quelles sont les variables qui peuvent expliquer l'utilisation abusive d'Internet.

**Mots clés:** Internet, séminaristes, contextes de formation, numérique.

---

\* Doutor em Psicologia, membro associado do ITA (Instituto Acolher - <https://institutoacolher.org.br/>), estuda a temática da psicopatologia na Vida Religiosa e Presbiteral. E-mail: vsanagiotto@yahoo.com.br.

\*\* Mestre em Filosofia, professor da Faculdade Dom Luciano Mendes, no Seminário Maior da Arquidiocese de Mariana. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: edcmonteiro@yahoo.com.br

\*\*\* Mestre em Teologia Espiritual e Acompanhamento Vocacional – Centro San Pietro Favre/Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma; Reitor do Seminário Diocesano Nossa Senhora da Luz – Diocese de Luz. E-mail: marcostdluz@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O uso dos meios tecnológicos e da Internet tem ocupado cada vez mais espaço nas pesquisas a nível internacional. Não é mais uma novidade o fato que o desenvolvimento tecnológico afetou significativamente o comportamento diário das pessoas (STARCEVIC, 2013), sendo que a Internet se tornou um importante modo de ter acesso a informações, ao conhecimento científico, a comunicação, ao entretenimento, ao trabalho etc. O uso frequente e cada vez mais dependente da Internet, fez com que os pesquisadores se questionassem sobre um provável uso que possa se configurar como patológico (ABREU et al., 2008).

Essa discussão socialmente relevante, também ocupa espaço dentro do ambiente eclesial. Um dos maiores problemas para discutir sobre o uso da Internet nos contextos formativos a vida religiosa consagrada e presbiteral, é que uma importante parte das atividades diárias são realizadas on-line. Com o avanço da pandemia COVID-19, grande parte das atividades paroquiais, encontros congregacionais e diocesanos, formação inicial e permanente etc., foram transferidas para os meios de comunicação on-line, reforçando ou consolidando um processo que já estava em ato. Podemos dizer que o cotidiano dos nossos ambientes eclesiais se caracteriza por uma nova rotina, composta de orações, compromisso pastoral, estudos, mas também de *links*, *lives*, *memes* e uso de aplicativos que facilitam a vida.

Com o amplo acesso aos meios de comunicação no âmbito eclesial, outras questões importantes para a formação inicial e permanente surgiram, como por exemplo, a pornografia, o uso exagerados dos meios de comunicação, a inclusão digital, as *fake news* divulgadas por membros da Igreja nas redes sociais (CREA, 2004), os posicionamentos políticos questionáveis, entre outras tantas situações (CUCCI, 2015).

Sem dúvida, podemos dizer que a Internet trouxe contributos para a evangelização, mas também muitos desafios que os contextos formativos não estavam preparados para enfrentar. Com a amplificação do uso da Internet dentro dos ambientes formativos eclesiais, se questiona até que ponto se pode considerá-lo disfuncional ou até mesmo um transtorno psicológico, já que, tudo se tornou normal. Com essa pesquisa, pretende-se

contribuir com essa reflexão a nível descritivo, assim como também as possíveis correlações com o uso patológico da Internet.

## **1. A FORMAÇÃO À VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA E PRESBITERAL EM TEMPO DE CONECTIVIDADE**

Uma nova geração formativa requer um novo contexto formativo, que seja adaptado aos desafios de cada época. Os ambientes formativos da vida religiosa consagrada e presbiteral estão repletos de nativos digitais, toda uma nova geração que já nasceu inserida em um contexto sociológico amplamente “conectado” (NENTWIG, 2019). No entanto, no que diz respeito à formação, recentes pesquisas relatam que os formandos se encontram diante de pedagogias tantas vezes “desadaptadas” para a nova realidade que eles vivem, geralmente centralizada na transmissão de conteúdos (BENELLI, 2006).

Em artigo recentemente publicado, Zacharias (2020) elencou diversos comportamentos ambíguos presentes no uso que se faz da Internet no contexto da formação permanente. Além de uma conclusão que, de certo modo, já observamos na realidade dos ambientes eclesiais, esta indica algo sobre a formação ao acesso ao amplo mundo da Internet, principalmente na formação de base. Os formadores (religiosos e diocesanos) se encontram em uma encruzilhada entre o fato que a Internet já faz parte da vida das novas gerações e a necessidade de transformar essa “normalidade” em conteúdo formativo. Tantas vezes, os “verdadeiros” formadores são os padres e religiosos/as considerados “influentes nas plataformas digitais” (FILHO, 2020).

Em uma recente pesquisa sobre a formação presbiteral em tempo de pandemia (CAMPOS & FONTES, 2020), descobriu-se que uma parte significativa dos seminaristas usavam a Internet em desacordo com a realidade na qual viviam. Segundo os autores, o mundo virtual configura-se como um espaço para buscar seguidores, curtidas e compartilhamentos, seguindo o modelo dos artistas reconhecidos em âmbito nacional. A conclusão dos autores é que “descobrimos um novo mundo virtual, com a pandemia, muitos podem ter se refugiado nesse mesmo mundo. Para o formando, é sempre

importante uma consciência clara sobre si mesmo e sua vocação, para que não se perca no mundo virtual” (idem, 2020, p. 8).

Como é possível observar, o uso da Internet no âmbito eclesial se configura como um amplo campo de pesquisa que ainda precisa de aprofundamento, principalmente com uma abordagem de caráter empírico. Entre os tantos desafios, a questão que se coloca diz respeito à forma como as novas gerações ‘conectadas’ estabelecem relação consigo mesmo (intrapessoal) e com o contexto no qual estão inseridos (interpessoal).

## **2. QUANDO O USO DA INTERNET SE TORNA UM ... PROBLEMA?**

Com a normalização e o acesso irrestrito à Internet, torna-se uma tarefa árdua identificar um provável uso problemático, até mesmo podemos questionar essa terminologia. A pesquisa no âmbito eclesial sobre o uso problemático da Internet, é abordado normalmente pelo viés moral (NENTWIG, 2019; ZACHARIAS, 2020), importante, porém, o ponto de partida é um conjunto de conceitos pré-estabelecidos que são usados como critério avaliativo. Abordagem diferente encontramos do ponto de vista da pesquisa empírica, que considera o viés do diálogo multidisciplinar (BARAK, 2008). Porém, independente da abordagem usada, desde quando se começou a estudar o uso desadaptativo da Internet nos meados dos anos 1990 (YOUNG, 1996), muitas mudanças aconteceram, principalmente no âmbito das relações sociais.

Em sentido mais específico, isto é, da pesquisa no âmbito da saúde mental, observa-se uma divergência na definição dos critérios usados para considerar o uso da Internet como “problemático”, em particular, sobre o que torna o uso da Internet patológico. É possível identificar duas tendências: uma delas propõe *critérios quantitativos*, os quais consideram o tempo gasto na Internet, a preocupação constante em acessar a Internet etc. (BLOCK, 2008; SHAPIRA et al., 2000; TAO et al., 2010); uma outra tendência teórica propõe *critérios qualitativos*, como humor disfórico, ansia, estresse etc. (CHOU et al., 2005; DELL’OSSO et al., 2006; KUSS et al., 2014; SPADA, 2014; WIDYANTO & GRIFFITHS, 2006). Em suma, os critérios bases considerados fundamentais para um diagnóstico são ainda objeto de estudo. De fato, o DSM-5 menciona as patologias

relacionadas à Internet como uma entidade que precisa ser aprofundada no âmbito da pesquisa empírica (APA, 2003).

Mesmo que não encontramos critérios claros que definam quando o uso da Internet se torna desadaptativo, existem evidências de altas taxas de comorbidade psiquiátrica no uso abusivo da Internet entre adolescentes e adultos (SPADA, 2014). O uso abusivo da Internet está associado às principais condições psiquiátricas e traços de personalidade disfuncionais (JIANG & LEUNG, 2012): neuroticismo e psicoticismo (YAN et al., 2014), sensação de sempre precisar buscar por novidades (PARK et al., 2012), impulsividade (BERNARDI & PALLANTI, 2009; CAO et al., 2007; LEE et al., 2012), altos níveis de agressividade (KO et al., 2009).

As pesquisas feitas no âmbito da psicologia, indicam que o uso desadaptativo da Internet está relacionado a alguns fatores de risco presentes nos traços característicos de personalidade (DONG et al., 2013; PHILLIPS et al., 1986). De fato, pesquisadores afirmam que a dependência da Internet está relacionada com transtorno de ansiedade social, transtorno de controle de impulsos, depressão, problemas de saúde mental e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (CAO et al., 2007). Um estudo meta-analítico encontrou uma correlação significativa entre uso desadaptativo da Internet e abuso de álcool, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, ansiedade e depressão (HO et al., 2014; NI et al., 2009). Um estudo qualitativo afirma que as causas do uso intensivo da Internet são tristeza, depressão, tédio e estresse (LI et al., 2015).

Além do fator psicopatológico, identifica-se que o uso desadaptativo da Internet influencia as relações cotidianas e o bem-estar psicológico (NI et al., 2009; TAO et al., 2010). Pessoas solitárias são mais propensas a usar a Internet para atenuar a inibição social e a ansiedade em enfrentar as relações sociais (BOZOGLAN et al., 2013; CECILIA & KOESTER, 1989). De fato, as pesquisas indicam uma correlação significativa entre o uso dependente da Internet e o controle dos impulsos, sendo que a impulsividade é uma variável de vulnerabilidade ao uso desadaptativo da Internet (LEE et al., 2012).

Das pesquisas indicadas, é possível individuar algumas variáveis que conduzem ao uso abusivo da Internet, das quais elencamos aquelas consideradas relevantes para a atual pesquisa: 1) causas comportamentais de origem nos traços considerados patológicos, entendidos como parte da estrutura de personalidade; 2) o desenvolvimento de

comportamentos prejudiciais à saúde como forma de reagir ao contexto no qual está inserido; 3) o desenvolvimento de sentimentos relacionados a pensamentos e crenças disfuncionais, aos quais se manifestam em comportamento da mesma forma disfuncionais (YEN et al., 2009).

## **2.1. Critérios diagnósticos usados na pesquisa**

Em um contexto social que cada vez mais se torna on-line, é fundamental que as pesquisas se concentrem em investigar comportamentos que podem ser vistos como disfuncionais, considerando as mudanças culturais que afetam a sociedade moderna (KIRMAYER et al., 2013). Atualmente, é uma simplificação comparar a Internet com o uso abusivo de outras substâncias psicoativas. A Internet é um fator onipresente da interação humana e, portanto, os conceitos precisam ser atualizados, com o objetivo de clarificar a epistemologia entorno a uma psicopatologia mediada pela *web* (TONIONI, 2012).

Coerentemente, Jurgenson (2012) propôs superar o dualismo entre real e digital, introduzindo o conceito de realidade aumentada. Atualmente, o uso da Internet não é uma “realidade diferente” (imersiva e sintética) da realidade cotidiana, mas parte da própria vida cotidiana. A distinção entre a vida real (offline) e a realidade virtual (on-line), bem como a base para a categorização do uso dependente da Internet, são muito simplistas. A diversidade das atividades cotidianas que são resolvidas on-line, não pode ser negligenciada pelos critérios diagnósticos.

No contexto deste artigo, busca-se uma visão mais adequada dos transtornos relacionados ao uso excessivo da Internet (CANTELMINI & TALLI, 2009; TONIONI et al., 2011). Basicamente, considera-se que existe uma ampla constelação de condições clínicas vinculadas à *web*. Cada problema relacionado à Internet, como por exemplo, o cyber relacionamento, os jogos de azar, a sobrecarga de informação, seriam uma patologia específica que é compartilhada com outros usando dos canais on-line. Esse posicionamento permite estudar cada patologia, em termos de diagnóstico, de forma independente, levando em conta a complexidade que o fenômeno da Internet atinge.

## **2.2. A Internet na formação inicial: uma pesquisa empírica**

A partir das considerações vindas da revisão da literatura, esta pesquisa, prevalentemente empírica, pretende contribuir com a reflexão sobre o uso da Internet nos contextos da formação inicial ao presbiterato no Brasil. Serão consideradas duas linhas complementares de pesquisa: uma descritiva sobre as características sociodemográficas do uso da Internet dentro dos contextos formativos; outra das características psicológicas. Os objetivos da presente pesquisa podem ser desse modo expostos:

- a) descrever as principais características sociodemográficas dos participantes da pesquisa e as prováveis correlações com o uso dependente da Internet;
- b) avaliar a correlação entre o uso dependente da Internet, o suporte social e as características de personalidade;
- c) analisar quais são as variáveis que podem explicar o uso dependente da Internet.

## **3. MÉTODO DE PESQUISA**

### **3.1. Instrumentos usados na pesquisa**

*Investigação sociodemográfica:* para ter um perfil sociodemográfico, procurou-se saber idade, região do Brasil e a quanto tempo é seminarista.

*Internet Addiction Test (IAT)* (YOUNG, 1998): o IAT compreende 20 itens, cada um dos quais é classificado em uma escala *likert* de cinco pontos: 1 = raramente, 2 = às vezes, 3 = frequentemente, 4 = geralmente, 5 = sempre. De acordo com Young (2011), o teste mede a extensão do envolvimento de uma pessoa com a Internet e classifica o comportamento de dependência em termos de comprometimento leve, moderado e grave. O teste foi traduzido para a língua portuguesa e validado com a população brasileira (BRITO et al., 2021; CONTI et al., 2012).

*Escala de satisfação com o suporte social (ESSS)* (PAIS-RIBEIRO, 1999): a ESSS é constituída por 15 itens que são avaliados em uma escala *likert* de cinco pontos: 1 = concordo totalmente, 2 = concordo na maior parte, 3 = não concordo nem discordo, 4 = discordo a maior parte, e 5 = discordo totalmente. A escala foi adaptada para avaliar o suporte social no contexto formativo, sendo distribuída em quatro dimensões: satisfação com os amigos (SA), intimidade (IN), satisfação com o contexto formativo (SF) e satisfação com as atividades sociais (AS).

*HEXACO Personality Inventory - Revised* (ASHTON & LEE, 2010): o HEXACO – PI – R é uma ferramenta composta por 60 itens, avaliados por uma escala *likert* de cinco pontos: 1 = discordo fortemente, 2 = discordo, 3 = neutro, 4 = concordo, 5 = concordo fortemente. Os itens foram reagrupados para avaliarem as seis dimensões da personalidade: honestidade-humildade (H), emotividade (E), extroversão (X), afabilidade (A), conscienciosidade e (C) abertura à experiência (O). O teste foi adaptado e validado na população brasileira (LIMA-COSTA et al., 2019).

### **3.2. Procedimento usado para recolher os dados**

O método usado na coleta dos dados foi a modalidade on-line, através do programa *LimeSurvey*, usado para a pesquisa científica. O link com os questionários da pesquisa foi enviado aos participantes usando os diversos meios de comunicação on-line (e-mail, WhatsApp, mensagens de celular). A participação na pesquisa foi voluntária e as respostas foram mantidas anônimas e transformadas em dados estatísticos, de acordo com as normas e padrões da pesquisa científica. O critério principal para inclusão dos participantes, foi ter respondido a pesquisa até o final.

### **3.3. Participantes da pesquisa**

Responderam a presente pesquisa, um total de 125 seminaristas diocesanos. A idade média dos participantes da pesquisa é de 25 anos de idade ( $SD = 6.44$ ), que vai dos 17



aos 45 anos de idade, sendo que 29.6% têm até 22 anos de idade, 36% até 26 anos e, enfim, 34.4% têm mais de 27 anos de idade. O tempo médio que os seminaristas estão em formação corresponde a 4 anos ( $DS = 2.47$ ), em que o menor tempo corresponde a 1 ano e o maior tempo de formação corresponde a 12 anos. Em termos mais específicos, 27.2% estão na formação até 2 anos, 39.2% até 5 anos e, enfim, 33.6% estão por mais de 6 anos na formação.

Ao serem questionados sobre o tipo de religiosidade que se identificam, 32% dos seminaristas responderam que se identificam com uma religiosidade mais tradicional, 38.4% se identificam com uma religiosidade inserida no meio dos mais pobres, 16% se identificam com uma religiosidade carismática e, enfim, 13.6% assinalaram uma outra identificação que não foi elencado na pesquisa, como por exemplo, “um pouco de cada opção elencada”, “não tenho nenhuma identificação especial” etc.

#### **4. ANÁLISE DOS DADOS**

A análise dos dados da pesquisa seguiu alguns critérios para a comunicação dos resultados, estando em consonância com os objetivos da pesquisa. Primeiramente, examinou-se as propriedades psicométricas das escalas usadas na pesquisa em termos do coeficiente alfa ( $\alpha$ ) (CRONBACH, 1951), da média ( $M$ ) e do desvio-padrão ( $SD$ ). Na sequência, foi feita uma análise correlativa entre as variáveis analisadas, com o objetivo de identificar a direção e a intensidade das correlações.

Para verificar a capacidade do HEXACO e do ESSS em captar a diferença de média entre os sujeitos, segundo o IAT, foi realizada a Análise de Variância Univariada (ANOVA). A ANOVA permite que os dados sejam processados estatisticamente, por meio do teste estatístico F (Fisher), no qual uma ou mais variáveis independentes estão implicadas em uma variável dependente, a fim de capturar os possíveis efeitos das variáveis independentes. Para comparar as diferenças entre as médias, foi usado o *test post-hoc Tukey*.

Enfim, com o objetivo de compreender se as variáveis sociodemográficas, as escalas do HEXACO e as escalas do suporte social (AS, IN, SC e AS) (variáveis independentes –

VI) podem ser consideradas variáveis preditivas do uso desadaptativo da Internet (IAT) (variável dependente – VD) entre os seminaristas, foi feita uma regressão linear múltipla *stepwise*.

#### 4.1. Análise das propriedades psicométricas das escalas usadas na pesquisa

Como pode-se observar na tabela 1, os índices alfa de Cronbach se encontram dentro dos padrões aceitáveis para a pesquisa científica, com exceção da escala satisfação com as atividades sociais (AS) que atingiu um índice relativamente baixo ( $\alpha = .57$ ). No que diz respeito a média (M) e ao desvio padrão (SD), para o *Internet Addiction Test (IAT)* a média foi de 1.68 (SD = .49), valor esse considerado como uso não problemático da internet, pelo menos em termos psicológicos. Da mesma forma são os resultados do HEXACO, os quais, em termos de média entre os participantes da pesquisa, não encontramos índices particularmente preocupantes. Enfim, no que diz respeito ao suporte social (ESSS), os nossos dados nos indicam que os seminaristas que responderam a presente pesquisa, que estão satisfeitos com o suporte social recebido nos seminários. O índice que obteve baixa pontuação foi o da satisfação com as atividades sociais (AS) (M = 3.42 [discordo a maior parte]; SD = .82).

Tabela 1: Análise descritiva das variáveis estudadas

Variáveis analisadas		M	SD	$\alpha$
<b>IAT</b>	Internet Addiction Test	1.68	.49	.88
<b>H</b>	Honestidade – humildade	4.12	.61	.79
<b>E</b>	Estabilidade emocional	3.22	.59	.70
<b>X</b>	Extroversão	3.48	.57	.70
<b>A</b>	Afabilidade	3.20	.57	.71
<b>C</b>	Conscienciosidade	3.82	.56	.72
<b>O</b>	Abertura à experiência	3.62	.55	.68
<b>ESSS</b>	Escala de Satisfação com o Suporte Social	2.42	.63	.85
SA	Satisfação com os amigos	2.15	.72	.72
IN	Intimidade	2.36	.97	.73
SC	Satisfação com a comunidade	1.91	.67	.70
AS	Atividades sociais	3.42	.82	.57

Note: M = média; SD = Standart Desviation;  $\alpha$  = alpha do Cronbach.

## 4.2. O uso da Internet e as características sociodemográficas

A presente pesquisa procurou saber algumas informações gerais sobre o uso da Internet por parte dos seminaristas. Antes de mais nada, 60% dos seminaristas dizem que não tiveram formação sobre o uso da Internet nos seminários. Questionados sobre o tempo que eles passam navegando na Internet, os dados nos indicaram uma média de 5 horas por dia ( $SD = 3.47$ ), sendo que 29.6% ficam até 3 horas diárias na Internet, 45.6% até 6 horas e, enfim, 24.8% mais de 7 horas diárias. O acesso à Internet é feito principalmente por meio do celular (90%), seguido do computador (8%) ou outros meios que não foram elencados na presente pesquisa (2%). Sobre o uso da Internet, 58.4% dizem que acessam com mais frequência as mídias sociais (Facebook, Instagram, Twitter ...), 25.6% usam a Internet para pesquisar conteúdo (formação, trabalho da faculdade/colégio etc.), 8% pesquisam assuntos relacionados ao entretenimento (cultura, sociedade de forma geral etc.) e 8% pesquisam outros assuntos.

Entrando em alguns assuntos específicos sobre o uso da Internet, 60.8% dos seminaristas relatam que já receberam ou acessaram sites cujos conteúdos faziam referimento a violência, a pornografia ou assuntos símiles. No que diz respeito aos relacionamentos on-line, 15.2% ( $N = 19$ ) relataram que já se inscreveram em aplicativos de relacionamento on-line, 82.4% dizem que nunca se inscreveram ( $N = 103$ ) e outros 2.4% ( $N = 3$ ) preferem não comentar sobre o assunto. Questionados sobre os motivos de se inscreveram em tais aplicativos de relacionamentos, 11.2% ( $N = 14$ ) dizem que fizeram por mera curiosidade, 2.4% ( $N = 3$ ) se inscreveram para começar um relacionamento virtual (de orientação homo ou heterossexual). Uma observação precisa ser feita: os dados não nos permitem especificar se tais relacionamentos on-line se estabeleceram antes ou depois da entrada no seminário. Por isso, devem ser analisados com o devido cuidado.

Enfim, o ultimo assunto abordado foi o uso da própria imagem em aplicativos de relacionamento virtual. Dos participantes da pesquisa, 93.6% dizem que não tiveram problemas no uso indevido da própria imagem, 6.4% dizem que enfrentaram tal dificuldade, inclusive com prejuízo para o percurso formativo.

### 4.3. Correlação entre as variáveis estudadas

Para compreender melhor relação entre as variáveis estudadas, foi feita uma análise da correlação entre a *Internet Addiction Test (IAT)*, o *HEXACO Personality Inventory* e a *Escala de satisfação com o suporte social (ESSS)* (AS, IN, SC, AS). Na tabela 2 observa-se que a significância, a direção, e a intensidade das correlações seguem as características teóricas de cada escala estudada.

Tabela 2: correlação entre as variáveis estudadas

	IAT	H	E	X	A	C	O	AS	IN	SC	AS
IAT	—										
H	-.34***	—									
E	.16	-.02	—								
X	-.12	.18*	.09	—							
A	-.22*	.33***	.33***	.01	—						
C	-.43***	.44***	-.05	.14	.18*	—					
O	-.10	.14	.00	.13	.06	.30***	—				
AS	.36***	.34***	.17	-.26**	.30***	.30***	.07	—			
IN	.30***	.31***	.11	.43***	-.26**	-.23*	.02	.60***	—		
SC	.29**	-.23**	.05	-.23**	-.13	-.28**	.08	.61***	.44***	—	
AS	.29**	-.21*	.25**	-.16	-.24**	-.21*	.07	.45***	.49***	.25**	—

Note: \*  $p < .05$ , \*\*  $p < .01$ , \*\*\*  $p < .001$

De maneira mais específica, observa-se na tabela 2 que o IAT se correlaciona significativamente e negativamente com a “honestidade-humildade” (H) ( $r = -.34$ ;  $p < .001$ ), indicando que quanto maiores forem os níveis de honestidade-humildade, entendidos com o evitamento da manipulação dos outros para ganho pessoal, menores serão os níveis do uso dependente da Internet. Outra correlação significativa e negativa foi com a “afabilidade” (A) ( $r = -.22$ ;  $p = .01$ ), indicando que quanto maiores os níveis de tolerância, compromisso, cooperação com os outros, menores serão os níveis de uso dependente da Internet. Enfim, uma última correlação significativa e negativa, foi com o traço de personalidade “conscienciosidade” (C) ( $r = -.43$ ;  $p = .001$ ), indicando que quanto

mais os seminaristas apresentam traços de personalidade caracterizados pela organização do tempo e do trabalho, disciplinado em relação aos objetivos, menor será a correlação com o uso dependente da Internet.

No que diz respeito a correlação entre o IAT e as escalas do suporte social, as correlações são positivas e significativas: com a escala da satisfação com os amigos (SA) ( $r = .36$ ;  $p = .001$ ), satisfação com a intimidade (IN) ( $r = .30$ ;  $p = .001$ ), satisfação com a comunidade (SC) ( $r = .29$ ;  $p = .01$ ) e, enfim, satisfação com as atividades sociais (AS) ( $r = .29$ ;  $p = .01$ ). Esse resultado não deixa de surpreender, justamente porque os dados nos indicam que quanto maior é o suporte social, maiores serão as possibilidades de desenvolver um uso dependente da Internet. Tal resultado pode indicar que conceitos que usualmente são atribuídos às relações interpessoais, são vividos no âmbito das relações on-line e, portanto, tendem a ser “levados” para o âmbito da Internet. Nesse sentido, a tendência é, de qualquer modo, a desenvolver relações desadaptativas com o amplo mundo da Internet. Porém, ressaltamos a necessidade de aprofundar a temática.

#### **4.4. Aspectos preditivos do uso problemático da Internet**

Para analisar as variáveis que são significativas para entender o uso dependente da Internet, foi feita a ANOVA e a regressão linear múltipla.

Na primeira análise, as variáveis sociodemográficas foram consideradas como variáveis independentes e o IAT foi analisado como variável dependente. Apresentou resultado positivo e significativo a variável sociodemográfica “tempo conectado à Internet por dia”,  $F_{(2, 125)} = 6.42$ ;  $p = .002$ . Comparando as médias entre os grupos através do *test post-hoc*, registra-se que quanto mais tempo os seminaristas ficam conectados à Internet, maiores serão as possibilidades de usarem a Internet de modo dependente. Em termos mais específicos, aqueles que ficam mais de 6 horas diárias conectados à Internet ( $M = -.27$ ;  $SD = .01$ ), apresentaram maiores possibilidades de se tornarem dependentes do uso da Internet daqueles que ficam até 3 horas diárias ( $M = .39$ ;  $SD = .11$ ). Em números mais precisos, representa cerca de 25% dos nossos entrevistados.

Na sequência, foram consideradas como variáveis independentes a honestidade-humildade (H), a emotividade (E), a extroversão (X), a afabilidade (A), a conscienciosidade (C) e abertura à experiência (O). Como variável dependente foi usado o IAT. Apresentaram resultados positivos e significativos as variáveis honestidade-humildade (H) ( $F_{(1,124)} = 2.13$ ;  $p = .002$ ) e conscienciosidade (C) ( $F_{(1,124)} = 2.08$ ;  $p = .003$ ). Em uma análise mais aprofundada, observamos que o IAT é predito significativamente da conscienciosidade (C),  $\beta = -.33$ ;  $t_{(6, 118)} = -3.67$ ;  $p = .000$ . Isso significa que aquele que consegue organizar o seu tempo e o seu ambiente físico em relação a um objetivo preciso, tenderá a haver menor possibilidade de usar a Internet de modo dependente.

Enfim, na última análise, foram consideradas como variáveis independentes a satisfação com os amigos (SA), a intimidade (IN), a satisfação com o contexto formativo (SF) e a satisfação com as atividades sociais (AS). Apresentou resultado positivo significativo a satisfação com os amigos (SA),  $F_{(1,124)} = 1.72$ ;  $p = .021$ .

## **5. CONCLUSÕES E INDICAÇÕES PARA O PERCURSO FORMATIVO**

A presente pesquisa, prevalentemente empírica, se concentrou em três objetivos, aos quais indicaremos as principais conclusões alcançadas. Primeiramente, foram analisadas as principais características sociodemográficas dos participantes da pesquisa e as prováveis correlações com o uso dependente da Internet. Os dados nos indicaram que são significativas diversas características, das quais sublinhamos a correlação positiva entre o uso dependente da Internet e o suporte social. Isso significa que, na medida que aumenta o suporte social, aumenta o uso dependente da Internet. Como foi enfatizado, essa representa uma descoberta significativa que precisa de maior aprofundamento.

Em se tratando da perspectiva formativa, se demonstra necessário que a formação sobre o uso da Internet seja contextualizada, considerando os desafios de cada contexto formativo (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, n. 97). Enfatizamos que os dados sociodemográficos nos indicaram que 60% dos seminaristas relatam não terem formação referente ao uso da Internet, em torno de 70% passam mais de seis horas ao dia conectados

à Internet, 90% acessam via celular, enfim, 61% já receberam ou acessaram assuntos relacionados à violência, pornografia ou assuntos símiles. O quadro formativo que se configura é: uma grande parte dos seminaristas não recebem formação sobre o uso dos meios de comunicação, passam grande parte do dia conectados através do celular (mais de seis horas prediz significativamente a possibilidade de uso disfuncional da Internet), dos quais 6 em cada 10 seminaristas já receberam conteúdos relacionados à violência ou pornografia.

Na sequência, avaliamos a correlação entre o uso dependente da Internet, o suporte social e as características de personalidade. Em termos gerais, os dados não relevaram conclusões particularmente disfuncionais. Em sentido mais estreito, os dados nos indicaram que a conscienciosidade (C) se correlaciona e prediz significativamente o uso abusivo da Internet (IAT). Enquanto conceito, a conscienciosidade (C) é a característica de personalidade daqueles que conseguem organizar-se para tomar decisões e deliberar tarefas. Em baixos níveis, provavelmente quando conduz ao uso dependente da Internet, a consequência é que o seminarista evitará atividades e tarefas difíceis, até mesmo metas desafiadoras, tomando decisões por impulso e com pouca reflexão (LEE & ASHTON, 2013).

Em se tratando de perspectiva formativa, os dados nos indicaram que formar a consciência é um dos fatores que predizem o uso adequado da Internet, representando, assim, um fator formativo preventivo. Além disso, como nos lembra a *Ratio Fundamentalis* de 2016 “(...) a utilização dos *mass-media* e a aproximação ao mundo digital são uma parte integrante do desenvolvimento da personalidade do seminarista (...)” (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, n. 97).

Neste sentido, tendo em vista que o formador é chamado a um reto acompanhamento, equilibrado e respeitoso da liberdade e da consciência dos seminaristas, ajudando-lhes no crescimento humano e espiritual deles (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, n. 49), entendemos que urge ao formador estar preparado para essa tarefa, especialmente, se necessário, dedicando-se, inclusive, a conhecer melhor como funcionam os *mass-media*, investigando os seus prós e contras e trabalhando esses aspectos com transparência com os seminaristas e vocacionados durante o processo formativo. Isso diminuiria, e muito, a lacuna que se constatou nesse âmbito da formação.

Uma vez que vimos na pesquisa o quanto muitos seminaristas ocupam seu tempo na internet, faz-se fundamental resgatar na vida de seminário o acompanhamento comunitário. É nessa perspectiva que, como diz a Igreja, “uma sadia pedagogia formativa não pode renunciar a prestar atenção à experiência e dinâmicas do grupo, no qual o seminarista está inserido” (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, n. 50). Diz-se isso porque entendemos que uma verdadeira formação se realiza, principalmente, através de relações interpessoais nas quais os momentos de partilha e de confrontos, são elementos fundamentais que contribuem para o crescimento daquele “húmus humano” em que concretamente se amadurece uma vocação (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, n. 50).

Tendo em vista ainda que “a finalidade da formação humana, fundamento de toda formação presbiteral, é promover o crescimento integral da pessoa” (CNBB, 2019, n. 185) e que “o formando é chamado a desenvolver a própria personalidade, crescendo nas virtudes humanas, tendo por modelo e fonte Cristo, o Homem perfeito (CNBB, 2019, n. 184) deve-se pressupor que a formação do seminarista lhe ajude concretamente a atingir um autoconhecimento equilibrado e uma maturidade humana tal que lhe capacite a: “educar-se no uso adequado e responsável das novas tecnologias e dos meios modernos de comunicação e entretenimento” (CNBB, 2019, n. 190p).

De fato, faz-se muito importante ressaltar e tomar consciência que, em nosso contexto atual, “a utilização dos *mass-media* e a aproximação do mundo digital são uma parte integrante do desenvolvimento da personalidade do seminarista” (CNBB, 2019, n. 200). Daí que os formadores devem ser os primeiros a compreenderem que o seminarista deve ser auxiliado, por eles, a reconhecer as grandes possibilidades oferecidas pela realidade digital para a evangelização, mas que devem também ajudá-los a internalizarem como valor a importância de guardar a devida prudência relativamente aos inevitáveis riscos que a frequência ao mundo digital comporta (CNBB, 2019, n. 200).

É inegável, inevitável e imensurável a força e a inferência que as mídias digitais exercem na formação humana e como o processo formativo insere-se no processo de formação humana. Neste sentido, todo o conteúdo da discussão neste artigo toca diretamente nossa realidade enquanto formação presbiteral e religiosa.



Portanto, em específico, diante das constatações das atuais pesquisas, reforça-se a necessidade e urgência de pensarmos caminhos que nos possibilitem interagir com esses meios de comunicação, aproveitando assim a riqueza que possibilitam, mas estando também cientes dos riscos e problemáticas que o mau uso dos mesmos pode acarretar.

A partir do fenômeno que aqui referiremos como “Transição Tecnológica”, realidade esta que acompanhamos nas últimas décadas, em especial, no que diz respeito à TV (Rádio e Telefone), abre-se, por meio de uma análise comparativa, um horizonte de compreensão acerca da temática dos meios de comunicação atuais.

A TV que, inicialmente, surgiu como entretenimento, passa por evolução, não só no que diz respeito à tecnologia e qualidade do utensílio, mas também na sua forma variada de utilização, entre as quais destacamos: entretenimento – canal de informações – transmissão de valores e cultura – comercialização etc. Embora a utilização deste meio fosse esporádica ou pontual (segundo determinadas preferências), a TV exercia grande influência na formação humana, inculcando “valores” e “costumes”. Embora houvesse uma série de possibilidade de canais e programas, este meio, na época muito comum, comportava um certo limite, dado que essa interação se dava apenas dentro de um quadro já estabelecido.

Com a Internet, ocorre uma substituição de realidades tecnológicas que, durante muito tempo, sustentavam um padrão de sociedade, a saber, a TV, o Rádio, o Telefone etc e que, hoje, vem potencializadas e sugerem uma deliberação infinita em relação às possibilidades que oferecem.

Recordamo-nos que antes tínhamos uma Internet discada. Era necessário para acessá-la uma linha telefônica fixa, por meio da qual se realizava a conexão, experiência que, devido aos custos, limitava-se quase que exclusivamente às empresas. No início da popularização da internet, quando este serviço passou a ser oferecido pelas empresas à pessoa física, dizíamos a seguinte expressão: “vou ‘entrar’ na internet” - Web, cujo próprio nome se referia à rede mundial de computadores. Hoje, as coisas mudaram bastante. Já estamos dentro, a internet é uma realidade que não mais se reduz a computadores, mas trata-se de uma rede que se dá a partir de uma infinidade de aparelhos, os quais são considerados como essenciais em nosso dia-a-dia (no mínimo temos em nossos celulares dois aplicativos de comunicação) ...

Num primeiro momento, a finalidade inicial da Internet como rede mundial de comunicação era encurtar distâncias e promover troca de dados e informações. Enquanto análise, pensava-se esta realidade a partir de um valorativo moral: o que este recurso pode oferecer ou prejudicar a quem o utiliza? Hoje não é mais apenas um reflexo moral: é a própria realidade toda na qual estamos inseridos, fator este que nos dificulta até mesmo na emissão de juízos. Antes era este o crivo moral: qual é a influência que tal recurso exerce no formando? Na atualidade, a pergunta é sobre qual é a realidade disso implicada na vida do formando? Pois, percebe-se a vida virtual como que uma simbiose com a vida real. Daí que resta-nos hoje um grande dilema: o que resta da subjetividade do formando? Sabemos que a cultura digital constrói a subjetividade e que somos em grande parte aquilo que consumimos. Diante disso temos o seguinte quadro para ser analisado:

## **6. RISCOS PARA AS DIMENSÕES DO PROCESSO FORMATIVO**

### **6.1. Comunitária**

*PREFERIR* o on-line ao presencial = fator este que, em estruturas com certa predisposição, poderá contribuir para o isolamento, depressão etc. ou, por outro lado, poderá ter mais contatos externos que com os membros da comunidade real – *COMUNIDADE REAL X COMUNIDADE VIRTUAL*.

Crítérios que se aplicam para identificar a *COMUNIDADE*: pertença integral, acolhida incondicional, fraternidade etc.

Comunidade virtual: “bolha algoritma” = escolho aqueles que pensam igual a mim; interessam pelo que é igual a mim; posso bloquear; excluir etc. - A partir dessa experiência como volto para a Comunidade Real? Trago as mesmas categorias?

## 6.2. Humano Afetiva

*PREFERIR* a imagem que se cria de si à realidade de si mesmo (utiliza-se de filtros e fantasias que o aproximam mais do IDEAL do que da realidade de si e de onde se encontra); experiência esta que, pode favorecer um deslocamento de si mesmo, distanciando-se da realidade concreta e dificultando uma abordagem integral da própria vida em vista de superação.

Sociedade do *ESPETÁCULO* = produz a imagem que o outro vai consumir ... como volto à comunidade real = entro num personagem e atuo segundo as necessidades de “sobrevivência da imagem construída de si” (DEBORD, Guy, 1997).

## 6.3. Espiritual

*PREFERIR* o anonimato às relações que se pautam na verdade; neste sentido, muitos ignoram as consequências reais do mundo virtual; *AUSÊNCIA DE SENSIBILIDADE PENITENCIAL*, tudo se torna lícito, por que possível ... tudo se volta para o ego e não para o eu verdadeiro.

“*PROPAGANDA DO ESPIRITUAL*” = a vida espiritual se torna propaganda, quarta-feira de cinzas não é quarta-feira de cinzas se não postada... A relação mística com o sagrado não é mais relação se não for espetacularizada; a dimensão espiritual vira apenas uma dimensão estética (e, em muitos casos, de péssimo gosto).

## 6.4. Intelectual

*PREFERIR* a informação já dada que a elaboração do conhecimento; acentua-se a cultura do plágio e das respostas rápidas e curtas; ChatGPT;

*Desafio:* como fazer um formando ler um artigo de 15 páginas se sua atenção está acostumada a vídeos curtos de 10 segundos?

### **6.5. Pastoral-Missionária**

*PREFERIR* o sucesso à insignificância evangélica ... “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me!” (Mt 16,21-27)

Se antes o formando era corresponsável pela ação pastoral, agora ele é o único responsável pela pastoral dirigida aos seus *SEGUIDORES*? Passagem de seguidor (discípulo) para seguido (Mestre).

Como continuar o mandato de Jesus na gratuidade, sem uma série infinita de curtidas?

Como continuar a ação pastoral de Jesus na era das imagens?

## **7. CAMINHOS POSSÍVEIS**

O caminho passa, necessariamente, pelo diálogo e pela reflexão. Dialogar com os recursos de que dispomos através das mídias, para realizar assim o discernimento necessário. Recordando que, o discernimento não é um acontecimento pontual ligado apenas a escolha do estado de vida, mas sim uma experiência que deve nos acompanhar diariamente.

Temos um Processo Formativo constituído por princípios e dimensões definidas que devem ser trabalhadas para se alcançar o horizonte que nos propomos, sendo assim, estabeleçamos perguntas básicas que nos ajudarão a orientar ou reorientar nossos passos rumo à resposta vocacional autêntica: ao invés de propor listas do que é permitido e o que não é, devemos suscitar perguntas e reflexões que orientarão os comportamentos.

- a) Como “estou” na Web? Entro nesses recursos de mídias com a minha identidade total (seminarista, religioso, diocesano etc)?
- b) Os “espaços” que frequento me acolhem por inteiro, enquanto seminarista, religioso, padre etc? Ou o critério para adentrar nestes espaços é esconder o que me diz respeito e que me define?
- c) Como “saio” dos espaços que as mídias me possibilitam? Saio inteiro ou fragilizado (fragmentado) em relação aos meus propósitos vocacionais?

Não nos resta outra alternativa, senão propor um processo de educação para utilização dos meios que dispomos segundo o nosso estado de vida, sem correr o risco, de nos tornarmos vítimas numa terra, considerada como que sem lei. Que nossos princípios que são anteriores e superiores a esta realidade nos orientem na perspectiva do horizonte que nos atrai: “tende em vós os mesmos sentimentos de Cristo” (Fl 2,5). Aqui cabe-nos, portanto, recordar: “Para Jesus, não há países a conquistar, ideologias para impor, pessoas para dominar. Somente pessoas para amar (Henri Nouwen)... e nem curtidas a se conquistar.

Enfim, a publicação dos resultados da presente pesquisa pode ser útil para promover estudos semelhantes e, assim, contribuir para uma melhor compreensão do uso da Internet e dos meios de comunicação nos contextos da vida religiosa consagrada e presbiteral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Cristiano; KARAM, Rafael; GÓES, Dora; *et al.* Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 30, n. 2, p. 156–167, 2008.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASHTON, Michael; LEE, Kibeom. Trait and source factors in HEXACO-PI-R self - and observer reports. *European Journal of Personality*, v. 24, n. 3, p. 278–289, 2010.

BARAK, Azy. *Psychological aspects of cyberspace: theory, research, applications*. New York: Cambridge University Press, 2008.

- BENELLI, Sílvio J. Paradigmas eclesiais e pedagógicos na formação sacerdotal institucional. Uma investigação em psicologia social. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 66, n. 264, p. 807–841, 2006.
- BERNARDI, Silvia; PALLANTI, Stefano. Internet addiction: a descriptive clinical study focusing on comorbidities and dissociative symptoms. *Comprehensive Psychiatry*, v. 50, n. 6, p. 510–516, 2009.
- BLOCK, Jerald. Issues for DSM-V: Internet Addiction. *American Journal of Psychiatry*, v. 165, n. 3, p. 306–307, 2008.
- BOZOGLAN, Bahadır; DEMIRER, Veysel; SAHIN, Ismail. Loneliness, self-esteem, and life satisfaction as predictors of Internet addiction: a cross-sectional study among Turkish university students. *Scandinavian Journal of Psychology*, v. 54, n. 4, p. 313–319, 2013.
- BRITO, Alexandre B.; PINHO, Lucinéia; BRITO, Maria F.; *et al.* Propriedades psicométricas do Internet Addiction Test em estudantes de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 5, 2021.
- CAMPOS, Luciana; FONTES, Douglas Alves. A formação sacerdotal e a pandemia. *CNBB*. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/06/A-Formac%CC%A7a%CC%83o-Sacerdotal-e-a-Pandemia.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2021.
- CANTELMI, Tonino; TALLI, Massimo. Trapped in the web: the psychopathology of cyberspace. *Journal of Cyber Therapy and Rehabilitation*, v. 2, p. 337–350, 2009.
- CAO, Fenglin; SU, Linyan; LIU, TieQiao; *et al.* The relationship between impulsivity and Internet addiction in a sample of Chinese adolescents. *European Psychiatry*, v. 22, n. 7, p. 466–471, 2007.
- CECILIA, Solano; KOESTER, Nancy. Loneliness and communication problems: subjective anxiety or objective skills? *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 15, n. 1, p. 126–133, 1989.
- CHOU, Chien; CONDRON, Linda; BELLAND, John. A review of the research on Internet addiction. *Educational Psychology Review*, v. 17, n. 4, p. 363–388, 2005.
- CNBB. *Diretrizes para a formação dos Presbíteros no Brasil (Documentos da CNBB - 110)*. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação Presbiteral*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- CONTI, Maria A.; JARDIM, Adan P.; HEARST, Norman; *et al.* Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do Internet Addiction Test (IAT). *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 39, n. 3, p. 106–110, 2012.
- CREA, Giuseppe. Vita religiosa e dipendenza sessuale in Internet. *Vita Consacrata*, v. 40, n. 2, p. 171–182, 2004.
- CRONBACH, Lee. Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, v. 16, n. 3, p. 297–334, 1951.

- CUCCI, Giovanni. *Paradiso virtuale o Infer.net?: rischi e opportunità della rivoluzione digitale*. Milano: Ancora, 2015.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELL'OSSO, Bernardo; ALTAMURA, Carlo; ALLEN, Andrea; *et al.* Epidemiologic and clinical updates on impulse control disorders: a critical review. *European archives of psychiatry and clinical neuroscience*, v. 256, n. 8, p. 464, 2006.
- DONG, Guangheng; WANG, Jiangyang; YANG, Xuelong; *et al.* Risk personality traits of Internet addiction: a longitudinal study of Internet-addicted Chinese university students. *Asia-Pacific Psychiatry*, v. 5, n. 4, p. 316–321, 2013.
- FILHO, João Mendonça. Ciberformadores a serviço da formação paralela. In: TRASFERETTI, José Antônio; MILLEN, Maria Inês; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *Formação: desafios morais*. São Paulo: Paulus, 2020. p. 165-187.
- HO RC, Zhang; TSANG TY, Toh; PAN, Lu; *et al.* The association between internet addiction and psychiatric co-morbidity: a meta-analysis. *BMC psychiatry*, v. 14, p. 183, 2014.
- JIANG, Qiaolei; LEUNG, Louis. Effects of individual differences, awareness-knowledge, and acceptance of internet addiction as a health risk on willingness to change internet habits. *Social Science Computer Review*, v. 30, p. 170–183, 2012.
- KIRMAYER, Laurence; RAIKHEL, Eugene; RAHIMI, Sadeq. Cultures of the Internet: identity, community and mental health. *Transcultural Psychiatry*, v. 50, n. 2, p. 165–191, 2013.
- KO, Chih-Hung; YEN, Ju-Yu; LIU, Shu-Chun; *et al.* The associations between aggressive behaviors and internet addiction and online activities in adolescents. *The Journal of Adolescent Health*, v. 44, n. 6, p. 598–605, 2009.
- KUSS, Daria; GRIFFITHS, Mark; KARILA, Laurent; *et al.* Internet addiction: a systematic review of epidemiological research for the last decade. *Current pharmaceutical design*, v. 20, n. 25, p. 4026–4052, 2014.
- LEE, Hae W.; CHOI, Jung-Seok; SHIN, Young-Chul; *et al.* Impulsivity in internet addiction: a comparison with pathological gambling. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, v. 15, n. 7, p. 373–377, 2012.
- LEE, Kibeom; ASHTON, Michael. *The H factor of personality*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2013.
- LI, Jennifer; SNYDER, Susan; HOWARD, Matthew; *et al.* Characteristics of Internet addiction/pathological Internet use in U.S. University students: a qualitative-method investigation. *PLoS ONE*, v. 10, n. 2, 2015.
- LIMA-COSTA, Ariela; JESUÍNO, Ana; LIMA, Naira; *et al.* Adaptation and validation of HEXACO-PI-R to a Brazilian sample adaptation of HEXACO-PI-R to Brazilian sample. *Personality and Individual Differences*, v. 147, p. 280–284, 2019.

NENTWIG, Roberto. Formação de vocações adultas. Questões em torno do processo formativo convencional. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 79, n. 312, p. 159–188, 2019.

NI, Xiaoli; YAN, Hong; CHEN, Silu; *et al.* Factors influencing internet addiction in a sample of freshmen university students in China. *Cyberpsychology & Behavior*, v. 12, n. 3, p. 327–330, 2009.

PAIS-RIBEIRO, Jose. Escala de Satisfação com o Suporte Social: ESSS. *Análise Psicológica*, v. 17, p. 547–548, 1999.

PARK, Jae W.; PARK, Kee H.; LEE, Jae; *et al.* Standardization study of internet addiction improvement motivation scale. *Psychiatry Investigation*, v. 9, n. 4, p. 373–378, 2012.

PHILLIPS, Grania; GOSSOP, Michel; BRADLEY, Brendan. The influence of psychological factors on the opiate withdrawal syndrome. *British Journal of Psychiatry*, v. 149, n. 2, p. 235–238, 1986.

SHAPIRA, Nathan; GOLDSMITH, Tody; KECK, Paul; *et al.* Psychiatric features of individuals with problematic internet use. *Journal of Affective Disorders*, v. 57, n. 1–3, p. 267–272, 2000.

SPADA, Marcantonio. An overview of problematic Internet use. *Addictive Behaviors*, v. 39, n. 1, p. 3–6, 2014.

TAO, Ran; HUANG, Xiuqin; WANG, Jinan; *et al.* Proposed diagnostic criteria for internet addiction. *Addiction*, v. 105, n. 3, p. 556–564, 2010.

TONIONI, Federico. *Quando internet diventa una droga*. Milano: RCS, 2012.

\_\_\_\_\_. LAI, Carlo; MARTINELLI, Diego; *et al.* Internet addiction: hours spent online, behaviors and psychological symptoms. *General Hospital Psychiatry*, v. 34, p. 80–87, 2011.

WIDYANTO, Laura; GRIFFITHS, Mark. Internet Addiction: a critical review. *International Journal of Mental Health and Addiction*, v. 4, n. 1, p. 31–51, 2006.

YAN, Wan-Sen; YONGHUI, Li; SUI, Nan. The relationship between recent stressful life events, personality traits, perceived family functioning and internet addiction among college students. *Stress and health*, v. 30, n. 1, p. 3–11, 2014.

YEN, Ju-Yu; YEN, Cheng-Fang; CHEN, Cheng-Sheng; *et al.* The association between adult ADHD symptoms and internet addiction among college students: the gender difference. *Cyberpsychology & Behavior*, v. 12, n. 2, p. 187–191, 2009.

YOUNG, Kimberly. Clinical assessment of Internet-addicted clients. In: *Internet Addiction: a handbook and guide to evaluation and treatment*. Nova Jersey: Wiley, 2011, p. 19–34.

YOUNG, Kimberly. Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder. *Behavior CyberPsychology & Behavior*, v. 1, n. 3, p. 237–244, 1998.



\_\_\_\_\_. Psychology of computer use: XL. Addictive use of the internet: a case that breaks the stereotype. *Psychological Reports*, v. 79, n. 3, p. 899–902, 1996.

ZACHARIAS, Ronaldo. Sem elas, eles não vivem mais. Sacerdócio, vida consagrada e dependência sexual on-line. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 80, n. 317, p. 519–545, 2020.

\_\_\_\_\_. Virtualidade: um novo desafio a Vida Religiosa e Sacerdotal. *Convergência*, v. 57, n. 538, p. 73–86, 2022.